



## ESTADOS UNIDOS

# Salman Rushdie sofre atentado

Autor de *Os versos satânicos*, escritor anglo-indiano é esfaqueado no pescoço e no abdome durante evento em instituto de Nova York. Agente literário afirma que escritor teve lesões no fígado e pode perder um olho. Testemunhas falaram ao **Correio**

» RODRIGO CRAVEIRO

A psicoterapeuta Linda Abrams, 68 anos, chegou cedo ao anfiteatro do Instituto Chautauqua, situado na cidade de mesmo nome, no oeste do estado de Nova York. Sentou-se na primeira fileira. Pretendia assistir à palestra daquele que considera "o maior pensador deste século". Às 11h (meio-dia, em Brasília), o escritor anglo-indiano Salman Rushdie, 75 anos, subiu ao palco para participar da conferência literária. Autor de *Os versos satânicos* — obra publicada em 1988 que lhe custou um *fatwa* (decreto religioso) no qual o aiatolá Ruhollah Khomeini ordenava sua morte —, Rushdie deixou o local de helicóptero rumo ao hospital, ensanguentado, pouco depois. "Quando o moderador Henry Reese o apresentava à plateia, do lado esquerdo do palco, um homem saltou atrás de Rushdie e começou a golpeá-lo, muito rapidamente, com uma faca pequena. Havia muito sangue", contou Linda ao **Correio**.

De acordo com ela, quase que instantaneamente, vários homens cercaram o agressor e deitaram Rushdie no chão. "Médicos na plateia realizaram os primeiros socorros. Entre quatro e cinco homens imobilizaram o atacante. O anfiteatro foi esvaziado muito rapidamente", relatou a testemunha. Ela lembrou que o homem entrou pela parte de trás e correu até o palco. "Em um primeiro momento, imaginei tratar-se de um integrante da equipe de som ou algo assim. Era muito forte e parecia furioso. Não o escutei falando nada. Apenas vi a explosão corporal e o ataque. O público se pôs a chorar e a gritar: 'Oh, meu Deus!'. Muitos estavam em choque", acrescentou Linda, por telefone.

O jornal *The New York Times* informou que recebeu um e-mail, por volta das 20h de ontem (hora de Brasília), em que Andrew Wylie, agente literário

Charles Savor



Ferido, Salman Rushdie é amparado e deitado, no palco, enquanto pessoas correm para socorrê-lo, no anfiteatro do Instituto Chautauqua

de Rushdie, afirma que "as notícias não são boas". "Salman provavelmente perderá um olho; os nervos de seu braço foram cortados; e o fígado foi esfaqueado e lesionado", anunciou. O escritor estava intubado.

No fim da tarde, a polícia divulgou a identidade do autor do atentado: Hadi Matar, 24 anos, morador de Fairview (Nova Jersey). Segundo autoridades, Rushdie foi esfaqueado no abdome e no pescoço. O FBI — a polícia federal norte-americana — investiga as motivações do ataque. Henry Reese sofreu ferimentos no rosto, mas recebeu alta. A governadora de Nova York, Kathy Hochul, disse que Rushdie estava vivo e o elogiou como "uma pessoa que passou décadas dizendo a verdade ao poder".

Fontes afirmaram ao jornal *The New York Post* que Matar seria

simpatizante do Irã e do Exército dos Guardiães da Revolução Islâmica. O governo iraniano promete recompensa de US\$ 3 milhões a quem matasse Rushdie. Por quase uma década, ele passou escondido. Muçulmanos consideravam *Os versos satânicos* um livro ofensivo e desrespeitoso ao profeta Maomé.

### Consternação

Às 10h45, o rabino Charles Savor — diretor executivo da Civic Spirit, organização que promove a educação cívica na fé — se acomodou na poltrona do anfiteatro para assistir à palestra de Rushdie. "Para nós, isso seria o ponto alto da semana. Ele falaria sobre como os EUA e a democracia podem apoiar escritores políticos. Sob aplausos, os senhores Rushdie e Reese se dirigiram até as duas poltronas colocadas no

centro do palco. De repente, vi alguém pulando no palco e desferindo vários golpes em Rushdie. Então, tudo foi choque e horror. Foi algo maluco e surreal. O braço do agressor ia para baixo e para cima e não sabíamos exatamente o que estava acontecendo. Ficou claro que Rushdie havia sofrido um ataque", relatou ao **Correio**, também por telefone.

De acordo com Savor, 53, algumas pessoas subiram ao palco para socorrer o escritor. "Depois que os seguranças chegaram, fiz alguns vídeos e saí do anfiteatro, acompanhado de amigos. Eu estava profundamente abalado e consternado pelo que tinha acabado de presenciar", afirmou. Após deixar o local, o rabino escutou, pelo alto-falante, uma mensagem solicitando ao público que se retirasse de forma rápida e calma. "Não vimos o

que aconteceu a Rushdie depois do atentado ou a Reese, apesar de tomarmos conhecimento de que ele também sofreu lesões. Sabemos que a reverberação do atentado afetou a todos no Instituto Chautauqua e incitou um triste debate nos Estados Unidos e no mundo", acrescentou.

Savor explicou que a Civic Spirit treina educadores cívicos e escolas. "O que ocorreu hoje (ontem) foi uma total violação de tudo aquilo que defendemos. Nós acreditamos no diálogo aberto e no debate saudável. O incidente de hoje (ontem) foi a antítese de nossos melhores ideais", comentou. Ele confidenciou que pretendia fazer uma pergunta a Rushdie ao fim do programa. "Eu teria perguntado a ele sobre seu conselho para a próxima geração sobre superar diferenças."

A agência estatal de notícias

### Eles estavam lá

Fotos: Arquivo pessoal



"Um homem saltou atrás de Salman Rushdie e começou a golpeá-lo, muito rapidamente, com uma faca pequena. Havia muito sangue"

Linda Abrams, 68 anos, psicoterapeuta. Estava na primeira fileira do anfiteatro



"Tudo foi choque e horror. Foi algo maluco e surreal. O braço do agressor ia para baixo e para cima e não sabíamos exatamente o que estava acontecendo"

Charles Savor, 53 anos, rabino e diretor executivo da organização Civic Spirit

iraniana Irna limitou-se a informar que "Salman Rushdie, o autor apóstata do livro *Os versos satânicos*, foi atacado enquanto estava em Nova York". A milícia fundamentalista islâmica Talibã, que governa o Afeganistão, lembrou ao **Correio** que "Rushdie começou um ato de blasfêmia e feriu os sentimentos de 1,5 bilhão de muçulmanos". Ao ser perguntado se o escritor merecia o ataque, Mohammad Suhail Shaheen — chefe do Escritório Político do Talibã em Doha (Catar) e ex-voz do grupo — respondeu: "Por que não?"

O premiê demissionário do Reino Unido, Boris Johnson, se disse "chocado" com o fato de "Sir Salman Rushdie ter sido esfaqueado ao exercer um direito que nunca devemos deixar de defender". "Meus pensamentos estão com seus entes queridos."

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Receita contra o "efeito Orloff"

A sete semanas do primeiro turno das eleições no Brasil, os acontecimentos nos EUA, ainda como desdobramento da conturbada votação de 2020, recomendam a atenção dos atores políticos no país para o impacto de ações e reações em torno da condução do processo. Na semana que termina, causou respostas intensas, ainda que variadas em direção e intensidade, a operação do FBI (a polícia federal dos EUA) na mansão de verão de Donald Trump em Mar-a-Lago, na Flórida.

Em resumo, os agentes buscavam documentos oficiais sigilosos que o ex-presidente teria levado consigo ao deixar a Casa Branca, em janeiro de 2021. A incursão, porém, trouxe uma vez mais à tona as relações incertas, por vezes obscuras, entre Trump

e os organismos de Estado com os quais manteve relação funcional e institucional durante os quatro anos de mandato.

O incidente tem interesse e possível implicação, por aqui, desde logo, por conta de uma tomada de posição que aproxima Bolsonaro e Trump: assim como fez o amigo e aliado norte-americano, em 2020, o presidente brasileiro sustenta agora uma campanha sistemática de contestação ao sistema eleitoral e sugere a opção de não reconhecer como legítimo um resultado adverso.

Os movimentos dos últimos dias oferecem ao Brasil a chance de buscar e produzir remédios capazes de minorar o chamado "efeito Orloff". Na antiga propaganda de uma marca de bebida,

o personagem no balcão de bar ouve de um "sósia" a recomendação para que escolha a bebida levando em conta o perigo da ressaca: "Eu sou você amanhã", diz o slogan da campanha.

### Sob suspeita

Em especial, pesa na apreciação dos paralelos entre os acontecimentos lá e cá a intervenção do FBI na propriedade do ex-presidente, executada nos últimos dias. Ela se soma às investigações em curso sobre a participação de Trump na tentativa de seus partidários de invadir o Congresso no dia em que este ratificou o resultado das urnas, em 6 de janeiro de 2021.

Conclamados pelo (até então) presidente, manifestantes armados invadiram o Capitólio e entraram em choque com a segurança, com saldo de ao menos cinco mortos, entre invasores e policiais. O inquérito aberto no Congresso ouviu depoimentos e reuniu evidências que apontam para a responsabilidade direta

de Trump nos confrontos — inclusive por ter estimulado os seguidores a levar às últimas consequências o desafio ao resultado eleitoral — por fim, ratificado pelos senadores.

Duas semanas depois da frustrada "insurreição", Trump deixou a Casa Branca e deu lugar ao desafiante Joe Biden, do Partido Democrata.

### Quanto vale o show?

Pela ótica do derrotado e de seus correligionários, a contestação ativa à voz das urnas, inclusive por meios violentos, serviu — e serve ainda hoje — a uma estratégia de revanche. Em novembro, os norte-americanos renovarão a Câmara dos Deputados (inteira) e o Senado (em parte). As chamadas "eleições legislativas de metade de mandato" são um termômetro para a popularidade do presidente e de seu partido com vistas à sucessão.

Até aqui, nas primárias em que os partidos escolhem os candidatos, o Partido Republicano assistiu

a confrontos entre seguidores do ex-presidente e aqueles que entendem que seu estilo político "anti-establishment" causa mais danos do que dividendos à direita conservadora. Ambos os campos, porém, apostam nos insucessos do governo Biden para retomar a maioria no Congresso — se possível, em ambas as casas.

A tradição política da democracia que costuma ser tomada como modelo para as Américas e o mundo consagra uma figura chamada no jargão de "pato manco": o presidente que, embora detentor de mandato, carece de apoio político-parlamentar para governar, efetivamente.

### Pero no mucho

No Brasil, o sistema político não contempla uma situação semelhante, embora traga embutida a possibilidade de o ocupante do Planalto se ver forçado a negociar, desde o primeiro dia no cargo, a composição de uma maioria capaz de apoiar suas

iniciativas no Congresso. O mecanismo atende por nomes como "governabilidade" ou "presidencialismo de coalizão".

Na prática, escancara uma equação para a qual, ao fim de quase 150 anos de república, o país continua a procurar solução. A rigor, segundo a Constituição de 1988, o presidente, eleito pelo voto universal, direto e secreto, é o chefe de Estado e de governo. Na prática, tem de submeter seu programa às conveniências de quem comanda o Congresso. No mais das vezes, alguém que tem uma agenda própria, distinta daquela traçada pelo Executivo.

Desde o fim do regime militar, quando o Planalto se impunha na Praça dos Três Poderes e na Esplanada, o Brasil vive sob um sistema "presidencialista, pero no mucho". Na ausência de limites e atribuições claras para cada um dos três Poderes, o fantasma do ato encenado no Capitólio como ópera bufa assombra desde os primeiros dias o vencedor da disputa eleitoral de outubro.